

“MALES DO ENSINO SUPERIOR” – A OPINIÃO DE J. VICENTE GONÇALVES EM 1930

Cecília Costa

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro - Portugal

(aceito para publicação em maio de 2006)

Resumo

“*Males do ensino superior*” era o título de uma secção do jornal diário O PRIMEIRO DE JANEIRO assinada por J. Vicente Gonçalves e publicada pela primeira vez em 16 de Abril de 1930. Este primeiro texto de Gonçalves é acutilante na identificação de alguns dos problemas do ensino superior. Damos a conhecer esses problemas, acompanhados da devida contextualização sócio-política do Portugal do Estado Novo, bem como da caracterização do Autor do artigo no meio académico da altura. Referimos ainda as reacções a este texto publicadas na mesma secção do jornal.

Palavras-chave: História da Matemática, História da Educação, Século XX, J. Vicente Gonçalves

Abstract

“Problems of higher education” was the heading of a section of the newspaper “*O Primeiro de Janeiro*” signed by J. Vicente Gonçalves and published for the first time at 16 of April of 1930. This text of Gonçalves is very critic in the identification of some of the problems of Portuguese higher education at that time. In this paper we make known these problems in the political and social context of that period. We also characterize the author in the Portuguese academic context. Furthermore we list the reactions to this text published in the same newspaper section.

Keywords: History of Mathematics, History of Education, 20th century, J. Vicente Gonçalves

1. Introdução

Em 16 de Abril de 1930, o jornal diário O PRIMEIRO DE JANEIRO publicou, pela primeira vez, a secção intitulada “*Males do ensino superior*” assinada por J. Vicente Gonçalves (Professor Catedrático de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade

de Coimbra), a qual teve vida curta como facilmente se compreende pelo conteúdo dos artigos e o contexto político em que foram escritos.

Este texto de Gonçalves, escrito de forma primorosa como era seu apanágio, é acutilante na identificação de alguns dos problemas, à data, do ensino superior. Parece-nos interessante dar a conhecer esses problemas, acompanhados da devida contextualização sócio-política do Portugal do Estado Novo, bem como da caracterização de José Vicente Martins Gonçalves no meio académico da altura.

Algumas das reacções a este artigo foram publicadas na mesma secção do jornal em 25 de Abril de 1930, 26 de Abril de 1930, 11 de Junho de 1930 e 18 de Junho de 1930. Vicente Gonçalves apenas respondeu uma vez em 14 de Maio de 1930.

Pensamos que a análise e discussão de textos deste tipo, produzidos há algum tempo, podem contribuir para reflectir sobre alguns “*Males do ensino superior*” na actualidade.

Estruturamos este artigo em três pontos. Um primeiro em que damos a conhecer, resumidamente, o artigo de Vicente Gonçalves e as reacções ao mesmo, publicadas na mesma secção do jornal. Um segundo momento em que procuramos contextualizar este artigo, ao referirmo-nos, necessariamente de forma breve, ao ambiente sócio-político da época e à caracterização do Autor no seu meio académico. Terminamos com um novo olhar sobre o artigo, procurando enquadrá-lo na vida e obra do Autor e alertando para a séria possibilidade de este se manter preocupantemente actual.

2. O Artigo n’O Primeiro de Janeiro

Temo-nos dedicado ao estudo da vida e obra de Vicente Gonçalves e estamos convencidos de que o texto de Vicente Gonçalves aqui analisado é novidade¹. Nas diversas fontes disponíveis que nós tínhamos analisado não havia qualquer referência ao mesmo.

Trata-se de um texto que constituía uma nova Secção do jornal O PRIMEIRO DE JANEIRO intitulada “*Males do ensino superior*”, publicada na 1ª página. Este jornal, que ainda existe, era um jornal diário portuense muito procurado pela elite da época. Esta secção surgiu pela primeira vez em 16 de Abril de 1930 e era assinada por José Vicente Gonçalves.

2.1. Descrição

Passamos à descrição do artigo de Vicente Gonçalves de 16 de Abril de 1930, assunto central deste estudo.

Resumidamente, pode dizer-se que este artigo está organizado em duas partes. Uma primeira parte em que Vicente Gonçalves tece algumas considerações de carácter geral relativamente ao estado do ensino superior em Portugal e uma segunda em que faz sugestões específicas do que seria necessário e urgente mudar.

O artigo começa assim:

Vai ser mais uma vez reformado o nosso ensino superior, cujo rendimento, segundo parece, não é honroso para a nação. Reforma precisa, na verdade. [6]

e continua afirmando:

¹ Apercebemo-nos da sua existência a partir de uma pequena pista encontrada numa carta existente no espólio deste Matemático recentemente entregue, pelos herdeiros, ao Departamento de Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra (cuja permissão para o acesso agradecemos).

Não faltam explicações para a insuficiência da nossa produção científica: más condições económicas dos professores, pobreza dos laboratórios, má preparação dos alunos dos liceus, etc. (...)[6]

o que considera serem “*Fracas razões*” [6].

Vicente Gonçalves continua, contrapondo:

Que produziram os professores de ensino durante o tempo em que se consideraram suficientemente remunerados?
Quais foram, nesse período, os frutos da cultura universitária portuguesa no domínio das sciencias puras ou aplicadas?
E acaso não temos alguns liceus modelares, com admiravel corpo docente?
Pobreza de laboratórios... Não me consta que o de Ferreira da Silva tenha sido montado ou subsidiado por algum milionário americano!... [6]

Esta última frase causou a indignação e reacção de Abílio Barreiro a que nos referiremos adiante na secção 2.2..

Vicente Gonçalves passa a enumerar aquelas que considera serem as verdadeiras razões da insuficiência da produção científica:

(...) o ritmo da nossa vida scientifica é o ritmo do trabalho de meia dúzia de devotos, de desinteressados. [6]

O que nos falta, em geral, é uma ampla e nítida compreensão dos nossos deveres profissionais. [6]

(...) o desdobraimento de quaisquer universidades ou escolas” [6]

A grande massa é scéptica, não luta. [6]

(...) a ideia de que ás universidades incumbe sobretudo a divulgação da sciencia feita (lá fóra já se vê...) [6]

Uma última razão, mas não menos importante, diz respeito àquilo que Vicente Gonçalves entende por maus professores:

Quando não dê aos seus alunos bons exemplos de civismo e de trabalho, e se limite, sem qualquer originalidade ou relêvo intelectual, a ensinar as mesmas coisas durante trinta ou quarenta anos, - é um mau professor, é um péssimo educador. [6]

Na opinião de Vicente Gonçalves é preciso reformar esta mentalidade, mas há também que ver a quem cabe efectuar essa reforma. Gonçalves diz:

Que se não arvorem porém em reformadores os que andam por aí, com pedagogicas, a ensinar como devem trabalhar... os outros. [6]

Depois destes comentários, Gonçalves passa a apresentar as suas sugestões e estas vão tocar pontos cruciais e nevrálgicos, se não vejamos:

Para começar, conviria dar mais seriedade aos concursos para os lugares universitários. [6]

(...) Com esta medida, conseguir-se-ia também anular o valor de certos coeficientes pouco científicos: amizade ou inimizade pessoal ou política, hereditariedade, consanguinidade, etc. (...) [6]

Seguidamente defende a concentração de meios, dizendo:

Temos tres Faculdades de Sciencias de escassa produção scientifica, quando, reunindo os elementos de valor que por elas se encontram dispersos, poderíamos formar uma escola de grande rendimento e prestígio, que muito honraria o país. [6]

E o Autor explica, pormenorizadamente, como faria a selecção (exemplificando mesmo as perguntas a colocar, as quais focavam três vertentes: experiência, capacidade de inovação pedagógica e científica)

Uma pequena comissão de autenticos valores científicos, presidida por um ultra-universitário culto e desempoeirado, faria isso com limpeza e perfeição. [6]

De forma resumida estas são as ideias principais abordadas neste artigo de Vicente Gonçalves sobre os males do ensino superior, em 1930.

2.2. Reacções

Reacções² a este artigo foram publicadas na mesma secção do jornal em 25 de Abril de 1930 por Abílio Barreiro, Químico da Universidade do Porto; em 26 de Abril de 1930 por Alfredo Valença Nunes, dito aluno da Universidade de Coimbra; em 1 de Maio de 1930 pela Redacção do Jornal; e, em 18 de Junho de 1930, novamente por Abílio Barreiro. Vicente Gonçalves respondeu apenas uma vez, em 14 de Maio de 1930, a Abílio Barreiro. A polémica entre Gonçalves e Abílio Barreiro surgiu da posição defendida pelo primeiro relativamente à situação dos laboratórios. Desenrola-se numa primeira resposta de Abílio Barreiro, chamando, diplomaticamente, a atenção para alguns aspectos que considera importantes, ao que Vicente Gonçalves responde de modo mais duro e de certo modo agressivo e termina com uma segunda resposta do Químico, agora também mais dura. Não vamos pormenorizar estes aspectos, por considerarmos que abordam um tema muito específico, ainda que pertinente (quer na época quer actualmente), que é o problema dos laboratórios.

² Existe ainda um artigo escrito por António Machado, professor universitário, que, numa primeira análise, nos levantou dúvidas sobre a possibilidade de também ser uma reacção ao artigo de Vicente Gonçalves. Este texto de António Machado, publicado em 11 de Junho de 1930, embora datado de Maio de 1930, aparece intercalado entre artigos da secção “*Males do ensino superior*” e com título diferente, concretamente sob o título “*Os males do nosso ensino*”. Neste artigo, António Machado discute uma nova medida então decretada: o exame de admissão às universidades e a questão de esse exame ser avaliado sem se conhecer a identidade do aluno. Os factos de: o título ser distinto, de não existir qualquer referência ao artigo de Vicente Gonçalves e de este tema também não ter sido tratado nesse artigo, levou-nos a excluir este artigo do grupo das reacções à secção assinada por Vicente Gonçalves.

Relativamente à reacção de Alfredo Valença Nunes, na sua carta este apresenta-se como ex-aluno de Vicente Gonçalves³ na disciplina de Cálculo Diferencial (o que é possível uma vez que este leccionou esta disciplina de 1923 a 1927) e vem apoiar os pontos fundamentais defendidos por Vicente Gonçalves no seu artigo, ao dizer:

(...) não posso deixar de vir trazer o meu aplauso à doutrina nele contida, doutrina sã e que devia ser aproveitada por quem de direito para base da reforma do nosso ensino superior. [9]

Da mesma forma é necessário limpar as Universidades dos seus piores mestres que cristalizando, estacionando no ensino, não contribuem, de maneira alguma, para o avanço das sciencias. [9]

Alfredo Nunes reforça-os ainda com um exemplo concreto ao tecer fortes críticas ao seu professor de Física Matemática, da Universidade de Coimbra.

Este professor de Física Matemática não pode ser Vicente Gonçalves, pois este só leccionou esta disciplina nos anos lectivos de 1930/31 e 1931/32 o que não está de acordo com a referência feita por Alfredo Nunes. Houve porém, algum mal entendido por parte da Redacção do Jornal, pois esta publica em 1 de Maio de 1930 uma nota de esclarecimento, dizendo entre outras coisas que não existem registos de Alfredo Valença Nunes como aluno das referidas disciplinas e interpretando que as críticas eram dirigidas a Vicente Gonçalves e não a outro professor já que termina do seguinte modo:

Em resumo: o sinatario da carta em referência abusou da boa fé deste jornal para alvejar insidiosamente o ilustre catedrático que tão brilhantemente se ocupou e se ocupará no Primeiro de Janeiro dos males do ensino superior. [8]

Como se constata, a secção intitulada “*Males do ensino superior*” assinada por J. Vicente Gonçalves teve vida curta o que facilmente se compreende pelo conteúdo dos artigos e o contexto político em que foram escritos.

3. Contextualização

Para melhor compreender a relevância deste texto de José Vicente Gonçalves, é conveniente fazer uma breve referência ao ambiente sócio-político da época e caracterizar o seu Autor no meio académico de então.

3.1. O Ambiente sócio-político da época

No que diz respeito ao ambiente sócio-político da época, é bem conhecido o facto de nesta altura em Portugal se estar a prenunciar a Ditadura de Salazar. Onde para além de muitos outros tipos de repressão, a censura filtrava o que era publicado. Note-se que a instauração da censura à imprensa foi decretada em ofício policial em 22 de Junho de 1926. De modo que é de estranhar este texto ter passado nesse crivo...

José Morgado, tendo vivido bem de perto esta realidade, descreve de forma bastante clara esta fase:

³ É de estranhar o facto de uma das vezes Alfredo Nunes se referir ao seu ex-professor da disciplina de Cálculo Diferencial como Martins Gonçalves. Embora, efectivamente, o nome de Vicente Gonçalves fosse José Vicente Martins Gonçalves, ele não era conhecido por Martins Gonçalves.

(...) durante o século XX, sofremos quase meio século de ditadura, caracterizada por uma repressão cruel e persistente contra todas as manifestações de liberdade, praticada por uma censura e uma polícia política ao serviço dos monopólios e especialmente dirigida contra os trabalhadores (quer manuais, quer intelectuais) (...) [10]

3.2. O Autor e o meio académico da época

José Vicente Gonçalves nasceu no Funchal em 1896. Aí efectuou os seus estudos primários e liceais. Em 1913 veio para o continente efectuar os seus estudos superiores na Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra. Terminado o bacharelato em Ciências Matemáticas, Gonçalves passou a fazer parte do corpo docente desta Faculdade.

Em 1930, com 34 anos, Vicente Gonçalves era casado e encontrava-se instalado em Coimbra. Era Professor Catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra desde 1927.

A sua faceta de autor estava ainda no início. Nesta altura estava em fase de publicação o texto para o ensino superior “Lições de Cálculo e Geometria”. Da cerca de uma centena de artigos que viria a publicar, tinha apenas publicado cinco. Quanto aos cinco manuais para o ensino liceal que viria a publicar ainda nessa década, não tinha publicado nenhum.

Já tinha participado em alguns júris de doutoramento, nomeadamente no de Manuel Marques Esparteiro, em Julho de 1924 e no de Ruy Luís Gomes, em Dezembro de 1928, o que lhe dava alguma experiência sobre o assunto.

Em resumo, em 1930, Vicente Gonçalves estava em início de carreira... Repare-se que se jubilou em 1967, ou seja, quase quarenta anos depois.

Parece-nos ainda relevante referir (e usando as palavras de Ruy Luís Gomes a respeito de um contemporâneo de Vicente Gonçalves, Bento de Jesus Caraça) que Gonçalves

(...) pertenceu ainda a uma geração que fez a sua própria preparação, no domínio da Matemática, numa época em que as nossas Escolas Superiores estavam inteiramente informadas pelo velho e desastrado conceito de que se pode ser um grande professor universitário sem nunca se ter patenteado, na análise exaustiva de algum problema concreto, a garra ou, pelo menos, o sentido de investigador. [5]

mas a sua postura era diferente:

(...) numa época em que, entre nós, a dedicação exclusiva à profissão estava muito longe do que agora é habitual, ele [Vicente Gonçalves] sempre optou por dedicar toda a vida à criação da ciência e transmissão do saber. [1]

4. Um outro olhar sobre este artigo

Pensamos que, para além de dar a conhecer este texto de Vicente Gonçalves, é interessante efectuar o seu enquadramento na vida e obra do Autor. Este artigo veio confirmar posições defendidas por nós, em 2000, na tese de doutoramento, designadamente que:

As influências sofridas enquanto estudante, anunciavam a postura de Vicente Gonçalves enquanto ensinante. Esta foi, em vários sentidos, inovadora.” [4]

Nomeadamente, na referência sistemática a Matemáticos portugueses e aos seus trabalhos, na actualização dos cursos, no incentivo à investigação, etc.

(...) José Vicente Gonçalves procurava inculir nos mais jovens o gosto pela investigação matemática e levá-los a investigar. Muitas das actividades em que participou tinham esse objectivo (...) [4]

É neste aspecto que defendemos que Vicente Gonçalves teve um papel preponderante (tal como Mira Fernandes e, mais cedo, Gomes Teixeira) no desenvolvimento da Matemática em Portugal na 1ª metade do século XX.

Foi para nós gratificante constatar que os princípios defendidos neste artigo (em 1930) por Vicente Gonçalves, são aqueles que identificámos, através do cruzamento de outras fontes, como os princípios que pautaram a actuação de Vicente Gonçalves ao longo de toda a sua vida (enquanto indivíduo, professor e investigador).

Também é verdade que este artigo surpreende... E surpreende por várias razões. Surpreende, porque é um texto dirigido ao público em geral. Todos os textos conhecidos de Vicente Gonçalves são publicados num meio restrito, o meio académico. Surpreende, porque constitui uma tomada de posição, clara e pública, contra o estado do ensino superior, com a agravante de ter sido escrito numa altura delicada, quer pela fase sócio-política quer por se encontrar no início da carreira profissional.

Por último, estamos convencidos de que este artigo obriga a repensar a imagem deste Matemático. Embora a sua actuação ao longo da vida esteja de acordo com os princípios defendidos neste artigo e alguns aspectos que estudámos (designadamente alguns casos de colaboração científica referidos em [4] indicassem que Vicente Gonçalves não era da situação. Também é verdade que a imagem de neutralidade política que muitos lhe atribuíam, não deixava antever a existência de um texto tão arrojado como este para o panorama político da época.

Em síntese, Vicente Gonçalves denuncia a corrupção, a incompetência, a falta de empenho, a falta de uma identidade profissional, a falta de iniciativa, a falta de vontade para mudar, etc.

Referências

[1] Agudo, F.R.Dias, Resposta do Académico F.R. Dias Agudo ao Académico J. Tiago de Oliveira, *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa (Classe de Ciências)* 28:225-232 (1987).

[2] Barreiro, Abílio, Males do ensino superior, *O Primeiro de Janeiro*, 25/04/1930.

[3] Barreiro, Abílio, Males do ensino superior: o problema dos laboratórios, *O Primeiro de Janeiro*, 18/06/1930.

[4] Costa, Cecília, *José Vicente Gonçalves: Matemático...porque Professor!*, Centro de Estudos de História do Atlântico e Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Funchal, 2001 (Tese de Doutoramento 2000).

- [5] Gomes, Ruy L., Bento de Jesus Caraça Grande Educador, *Gazeta de Matemática*, ano X, 41:4 (1949).
- [6] Gonçalves, J. Vicente, Males do ensino superior, *O Primeiro de Janeiro*, 16/04/1930.
- [7] Gonçalves, J. Vicente, Males do ensino superior, *O Primeiro de Janeiro*, 14/05/1930.
- [8] Jornal O Primeiro de Janeiro (Redacção do), Males do ensino superior, *O Primeiro de Janeiro*, 01/05/1930.
- [9] Nunes, Alfredo V., Males do ensino superior, *O Primeiro de Janeiro*, 26/04/1930.
- [10] Morgado, José, *Vamos vencer o nosso atraso*, Centro de Estudos de Matemática, Porto, 1987.

Cecília Costa
Departamento de Matemática
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
Vila Real – Portugal

E-mail: mcosta@utad.pt